

Organização, tradução e
introdução de
Ênio Silveira

2ª edição



Rio de Janeiro | 2021

**CONTOS,
FÁBULAS
E AFORISMOS**

FRANZ KAFKA

NOTA DA EDITORA À SEGUNDA EDIÇÃO

A PRIMEIRA EDIÇÃO DESTE *Contos, fábulas e aforismos*, de Franz Kafka, foi publicada em 1993, ano em que Ênio Silveira completou 60 anos na Civilização Brasileira. Este livro foi concebido por ele, que assina a seleção, a tradução e a introdução. Por isso, esta segunda edição revista é também uma homenagem a esse importante editor brasileiro.

A vida de Ênio Silveira, editor que é comparado a Monteiro Lobato devido à sua importância para o desenvolvimento do mercado editorial no país, se confunde com a história da Civilização Brasileira. Laurence Hallewell conta, em *O livro no Brasil: sua história* — que teve edição revista e ampliada pela Edusp em 2005 —, que a editora foi fundada em 1929 por Getúlio M. Costa, Ribeiro Couto e Gustavo Barroso. Três anos depois, em 1932, foi comprada por Octalles Marcondes Ferreira, e passou a ser a sede

carioca — e livraria — da Companhia Editora Nacional. Nessa época, o selo Civilização Brasileira publicava prioritariamente títulos adultos da companhia. Entre 1932 e 1944, o selo também publicou livros de seu catálogo em Portugal.

Octalles foi sócio de Monteiro Lobato em 1925. Juntos, expandiram a Cia Gráfico-Editora Monteiro Lobato e fundaram a Companhia Editora Nacional, então o maior grupo editorial do país. Em outubro de 1929, Lobato deixou a sociedade.

Em 1943, Ênio Silveira passou a integrar a Companhia Editora Nacional. Dois anos depois, tornou-se seu diretor editorial. Em 1951, passou a dirigir a Civilização Brasileira, que funcionava mais como livraria do que como editora.

Ênio, que fazia parte do Partido Comunista Brasileiro, aos poucos fortaleceu o catálogo da Civilização Brasileira. E não só estimulou a produção de autores nacionais como trouxe grandes autores estrangeiros. Por exemplo, em 1959, quando Nabokov não era conhecido no Brasil, Ênio imprimiu — e vendeu — 60 mil exemplares de *Lolita*, que se esgotaram em dez meses. Foi uma primeira tiragem de livro literário extremamente otimista — até para a atualidade.

Em 1963, Octalles, que era sogro de Ênio e avesso à linha editorial mais à esquerda, passou ao genro a propriedade da editora. Chegou a dizer que fez isso porque tinha um genro muito bom e não queria ter desavenças com ele.

A partir daí a imagem da Civilização Brasileira foi completamente reformulada, favorecida pela colaboração arrojada do artista plástico Eugênio Hirsch — que já fazia capas para a editora. Houve também o aumento de lançamentos de não ficção na área de ciências humanas.

O editor foi um forte opositor do regime ditatorial. Foi preso cinco vezes entre 1964 e 1970 — uma delas por editar a coleção *Cadernos do Povo Brasileiro* (publicada de 1962 a 1964), com livros que tratavam de temas econômicos, sociais e políticos, com preço e linguagem acessíveis, destinados à classe trabalhadora. O primeiro volume, *Que são as ligas camponesas?*, era assinado por Francisco Julião, advogado e político pernambucano e um dos líderes da luta pela reforma agrária que teve que deixar o Brasil após a ditadura empresarial-civil-militar iniciada em 1964. A publicação foi proibida e descontinuada.

Outras publicações de resistência pensadas por Ênio Silveira foram a *Revista Civilização Brasileira*, dirigida por Moacyr Félix e Dias Gomes e fechada em 1968 após o Ato Institucional número 5; o jornal semanal *Reunião*; e a revista *Política Externa Independente*, que foi dirigida por Celso Furtado. Em 1978, lançou *Encontros com a Civilização Brasileira*, com Moacyr Félix.

Em 1966, Ênio fundou a revista *Paz e Terra*, sob direção de Waldo Aranha Lenz César, inspirada pela encíclica papal *Pacem in Terris*. O objetivo era divulgar ideias ecumênicas progressistas, e acabaria por lançar no Brasil a Teologia

da Libertação. Com o tempo, a Paz e Terra passou a publicar livros, constituindo-se uma nova editora. Em 1975, foi vendida a Fernando Gasparian.

Por diversas vezes, Ênio foi coagido a deixar a direção da Civilização Brasileira. Em 1970, teve livros confiscados, o escritório da sua editora incendiado e seus direitos políticos cassados. O governo do general Costa e Silva (1967-1969) pressionou os bancos a não liberarem crédito para a editora.

Entre grandes títulos de não ficção de esquerda publicados por Ênio estão: *O capital*, pedra angular do pensamento de Karl Marx, em tradução direta do alemão por Reginaldo Sant'Anna, que ainda consta do catálogo atual da editora, e *Cartas do cárcere*, de Antonio Gramsci, em tradução de Noenio Spinola.

Na década de 1980, com a abertura política, a Difel passou a colaborar com a Civilização Brasileira, e um banco de capital português e uma pessoa jurídica estrangeira adquiriram 90% do capital da editora.

Ênio da Silveira faleceu em 1996. No mesmo ano, a Civilização Brasileira e a Difel foram adquiridas pelo Grupo Editorial Record, que manteve o legado do grande editor, publicando os melhores autores das ciências sociais ligados ao pensamento de esquerda.

TEXTO DE CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Kafka, claro enigma

Ênio Silveira

EMBORA RELATIVAMENTE POUCO EXTENSA, a obra de Franz Kafka sempre teve grande profundidade. O aparente despreço que o escritor manifestava por sua criação literária (“Meu fracasso... não deve ser atribuído à indolência, à má vontade ou à inépcia, [...] mas à falta de sustentação, de ar, de autoridade [...]”, como se lê em seu *Diário*), culminado com a solicitação que fez ao amigo e testamenteiro Max Brod de que destruísse, sem lê-los, todos os originais que encontrasse após a sua morte, ocultava diligente preocupação não apenas com a qualidade dos textos em seu conjunto, mas com as palavras que os compunham.

Se o mundo da cultura deve à inspirada “traição” de Max Brod a sorte de poder contar hoje em seu patrimônio obras tão significativas (embora o autor não as considerasse definitivamente prontas e acabadas) como os roman-

ces *América*, *O processo* e *O castelo*, é também nos trabalhos “menores”, os volumes de contos publicados em vida — e postumamente — que irá encontrar fulgurantes manifestações de seu extraordinário talento.

Pondo no papel sua solidão filosófica e emocional diante da vida e da sociedade, cujos desacertos e contradições sabia analisar com tão nítida agudeza crítica, Franz Kafka agia como se estivesse diante de severo juiz ou de distante confessor, pois escrevia basicamente para o exigente leitor que era ele próprio.

Os contos (ora extensos, ora miniaturas), bem como as fábulas e os aforismos reunidos neste volume, permitem-nos mergulhar nas águas profundas, mas bastante claras apesar de seu enigmático mistério, de uma obra que jamais deixou de ser calorosamente humana, por mais que seus contornos se mostrem como gelados cristais. Em sua aparente misantropia, Kafka não passava de um tímido, de um *gauche*, que via com emoção o cortejo passar diante de seus olhos, analisava cada detalhe e reagia com a cabeça e o coração tanto às grandezas quanto às misérias de nossa condição terrena.

Participar ativamente desse cortejo implicaria acomodação e concessões às normas e conveniências a que ele preferia não se entregar. Postando-se à margem, ele se via “ora como um fim, ora como um começo”, como se lê numa anotação de seu *Diário*.

Este livro por certo não decifrará o enigma kafkiano, mas comprovará que a cada nova leitura de sua obra mais ele se torna atual e inquietantemente provocador, no bom sentido da palavra.

NOTA INTRODUTÓRIA

Kafka, singular e plural

Ênio Silveira

“Sento-me à minha escrivantina. Você nunca a viu,
e como poderia? Bem, é uma escrivantina muito decorosa,
que impõe disciplina. No espaço onde coloco os joelhos
há dois terríveis espigões de madeira, e veja só o que acontece:

se me sento bem-composto, com todo cuidado,
e escrevo algo respeitavelmente burguês, fico bem à vontade.

No entanto, se me deixo dominar por alguma excitação
e meu corpo começa a tremer, mesmo que de leve,
é inevitável que um dos espigões me fira o joelho, e como dói!

Eu até poderia mostrar-lhe as cicatrizes que tenho...

A explicação é simples: não escrever coisa alguma
em estado emocional e, antes de tudo,
jamais tremer ao fazê-lo...”

— DE UMA CARTA A OSKAR POLLAK, em 23/8/1902

“Jamais fui orientado na vida, ao contrário de Kierkegaard, pela mão já bastante desalentada do cristianismo, nem me agarrei, como os sionistas, à última franja do xale de orações dos judeus.

Vejo-me ora como um fim, ora como um começo.”

— ANOTAÇÃO NÃO DATADA, em seu *Diário*

“Quando rapaz, sempre fui (e teria assim permanecido indefinidamente se as circunstâncias não me tivessem forçado à percepção) tão inocente e desinteressado a respeito de questões sexuais quanto o sou, hoje, por exemplo, no tocante à teoria de relatividade. Eu apenas notava (depois de ter sido cuidadosamente orientado quanto a isso) que as mulheres consideradas por mim mais bonitas e elegantes eram exatamente aquelas tidas como devassas.”

— ANOTAÇÃO NO DIÁRIO, 10/4/1922

“Meu fracasso — se podemos chamá-lo assim — em terrenos como o da vida familiar, da amizade, do trabalho e da literatura não deve ser atribuído à indolência, à má vontade ou à inépcia — embora um pouco de cada tenha contribuído para ele, pois, como se diz, ‘Pisado, o menor verme se revira’ —, mas à falta de sustentação, de ar, de autoridade. [...]”

— ANOTAÇÃO NÃO DATADA, em seu *Diário*

AS CITAÇÕES TRANSCRITAS à guisa de epígrafe já bastariam para revelar alguns traços fundamentais da persona-

lidade de Franz Kafka: a autodepreciação, a dificuldade de relacionamento com terceiros, o egocentrismo negativo, o complexo de culpa, a depressão.

Mas será que nos dariam visão abrangente desse ser humano e escritor extraordinário que, em sua existência, realizou uma obra tão densa e perturbadora que ainda hoje, quase 70 anos depois de sua morte, nos provoca tão forte impacto emocional e incessantemente nos desafia a decifrar-lhe o mistério?

Creio que não. Seus livros merecem abordagem continuada e múltipla e, a cada releitura, como calidoscópios literários que são, apresentam novas facetas, novos ângulos, alternam imagens brilhantes e sombrias, dão falsas respostas e formulam provocadoras perguntas, como se, atencioso mas impassível, Kafka nos estivesse dizendo: “Sim, leitor, sua visão é bastante correta até aqui, *mas...*” e, com essa adversativa, de novo nos lançasse num torvelinho de dúvidas a respeito do que acabamos de ler e da motivação íntima de quem os escreveu.

Muitos críticos literários, munidos do “Abre-te, Sésamo” psicanalítico (que é, em si, antes uma engenhosa ferramenta ficcional do que um método rigorosamente científico em matéria de pesquisa psicológica), apoiam-se na biografia factual do ser humano F.K. pensando que ela lhes dará as coordenadas decisivas para a interpretação do escritor. No entanto, embora peculiar, ela não é, e jamais será, o guia que nos conduzirá à saída do labirinto kafkiano.

Franz Kafka nasceu em 3 de julho de 1883 no centro histórico — a “Cidade Velha” — de Praga, primeiro filho de próspero comerciante judeu (que se orgulhava não apenas de suas aptidões comerciais, mas também de sua grande força física) e de uma mulher voltada para as coisas artísticas e culturais, com acentuado interesse pelo excêntrico e o exótico. O casal teve em seguida dois outros meninos, mas ambos morreram logo. Seis anos depois do primogênito nasceu a primeira das três irmãs que Franz viria a ter. Apenas uma delas, a caçula, se ligaria a ele bem mais tarde, tendo sido grande amiga e companheira nos derradeiros anos de sua existência.

Kafka teve, pois, uma infância extremamente solitária: sua timidez e sua disposição sonhadora não favoreciam entendimento com o pai, ao passo que a mãe, voltada para as filhas e para seu mundo interior, não tinha muito tempo para ele. Na escola primária, no ginásio e na universidade (onde se formou em Direito, em 1906), foi sempre educado como um alemão, seguindo as origens culturais da família. Mas, embora Praga, na antiga Boêmia, fosse importante cidade do Império Austro-Húngaro, ele não deixava de ser um *alemão* (raça dominante) entre os tchecos e um *judeu* (raça de segunda classe) entre os austríacos e alemães. Essa dupla marginalização iria tocá-lo no íntimo, apesar de que, para uma família não ortodoxa como a sua, o judaísmo fosse mais um traço histórico do que étnico ou religioso.

A essas marginalizações (familiar, cultural, racial) viria logo juntar-se outra, a profissional. Tendo feito o curso jurídico para escapar do microcosmo empresarial do pai

(com o qual seu relacionamento era sempre mais e mais difícil), ele foi trabalhar na área de seguros, primeiro numa companhia italiana e, depois, em 1908, numa repartição oficial, o Departamento de Seguros de Acidentes dos Trabalhadores, em Praga. Foram anos de mal-estar, pois a rotina funcional e a aridez dos cálculos financeiros lhe causavam profundo desalento, e ele se sentia num mundo que também não era o seu.

Uma válvula de escape para essas frustrações simultâneas e concêntricas poderia ter sido encontrada num engajamento amoroso, mas, ainda nessa área, Franz Kafka não logrou alcançar felicidade plena. Seu romance com uma jovem berlinense, Felice Bauer, foi tão cheio de projetos quanto de indecisões, tanto assim que, em 1914, ele rompe de novo, agora em definitivo, o noivado que duas vezes os uniu. Kafka voltou a se apaixonar duas outras vezes, a primeira por Milena Jesenská (que se tornou célebre pelas *Cartas a Milena*, publicadas após a morte do escritor), a segunda por Dora Dymant, pouco mais de um ano antes de morrer. Dificultados por sua debilitada condição de saúde (ele teve uma congestão pulmonar que o tornou vítima de renitente tuberculose) e complicados, sempre, pelos seus problemas de inter-relacionamento, esses dois últimos casos amorosos também não vicejaram, e ele jamais alcançou, portanto, a estabilidade sentimental que tão angustiadamente (embora com ineficiência talvez deliberada) buscava.

Kafka não conseguiu, igualmente, criar amizades duradouras em sua vida. Embora fosse admirado ao longo

dos estudos pela seriedade com que a eles se dedicava e, no trabalho, sua atitude reservada e eficiente comandasse respeito, ele próprio se considerava um fracasso nessa área, como prova a quarta das citações que usamos como epígrafe. Há, no entanto, uma admirável exceção, representada pelo escritor Max Brod, que, colega de Kafka na Universidade de Praga, foi seu amigo, confidente e companheiro até o dia em que ele faleceu.

Embora apaixonado pela literatura e muito dedicado à sua própria criação, que usava como uma espécie de catarise, Kafka não se considerava escritor dominado por vocação e desejo. Tanto assim que já tinha vivido três quartas partes de sua breve existência quando publicou o primeiro livro, *Betrachtung* (*Reflexões*), em janeiro de 1913, seguido quatro meses depois de *Der Heizer* (*O foguista*), que recebeu um prêmio literário em 1915. Nos meses finais daquele ano publicou também *Das Urteil* (*A sentença*), contos, e *Die Verwandlung* (*A metamorfose*), novela, esta sendo, hoje, uma de suas obras mais conhecidas e estimadas universalmente. Cinco anos passaram em branco até que, em 1918, ele volta às livrarias com dois volumes de contos, *Ein Landarzt* (*Um médico de aldeia*) e *In einer Strafkolonie* (*Numa colônia penal*).¹

1 Ênio Silveira optou por traduzir o título original das obras de Franz Kafka. Três deles não coincidem com sua edição brasileira corrente (cada um publicado por editoras diversas): *Das Urteil* (*O veredicto*), *Ein Landarzt* (*Um médico rural*) e *In einer Strafkolonie* (*Na colônia penal*). [N. da E.]

Pouco antes de morrer, Kafka escreveu severas disposições finais a respeito de sua obra inédita: nomeando Max Brod seu testamenteiro literário, determinou-lhe a obrigação de destruir — sem os ler antes — todos os seus manuscritos. Em deliberada traição ao desejo do amigo falecido, pelo que a cultura universal lhe será eternamente grata, Max Brod não apenas leu, mas conservou, revisou e fez publicar os textos de três grandes obras-primas, os romances inacabados *Amerika* (*América*), *Der Prozess* (*O processo*) e *Das Schloss* (*O castelo*), bem como volumes de contos esparsos — *Erzählungen und Kleine Prosa* (*Contos e textos breves*) e *Beim bau der Chinesischen Mauer* (*Ao pé da Muralha da China*) —, além de extratos dos *Tagebücher* (*Diários*).²

A decisão de Max Brod, se a analisarmos com objetividade, não poderia mesmo ser acusada de desrespeito à última vontade de seu amigo. Seria ela, de fato, para valer? Se Kafka se autodepreciava a tal ponto, ou se, escritor exigente, ainda não considerava prontas para publicação obras tão relevantes como esses três romances, por que é que ele próprio não as destruiu? É como se alguém chamasse uma pessoa de sua mais total confiança e lhe dissesse: “Meu caro, pensei bem e quero acabar com minha vida. Apanhe o revólver que está na primeira gaveta da cômoda e me dê um tiro no coração.”

2 *Erzählungen* *Erzahlungen und Kleine Prosa*, título inédito em português, reúne todos os textos que Kafka publicou em vida. O título de *Beim bau der Chinesischen Mauer* no Brasil é *A Muralha da China*. [N. da E.]

Seja como for, deve-se a ela a consolidação da nomeada internacional de um autor singular e plural, que punha no papel sua solidão filosófica e emocional diante do mundo e, ao mesmo tempo, tinha perfeita visão crítica a respeito das contradições desse mundo. A difícil tarefa de viver implicava acomodação com a hipocrisia, com os preconceitos, com o abuso do poder (físico, financeiro, político), com as soluções convencionais para problemas de essência, o que ele, Franz K., abominava.

Em sua biografia de Kafka,³ Max Brod fez nesta frase um retrato psicológico que nos parece adequado à conclusão desta nota, precisamente por ser inconclusivo: “Qualquer estudo aprofundado de suas fraquezas demonstrará que todas elas emanam, tragicamente, de suas virtudes. [...] Pode-se desenvolver explicação sobre explicação (como sem dúvida irá ocorrer), sem necessariamente chegar a qualquer conclusão final; será algo equivalente a seguir ao longo de alto muro sem entradas, sem jamais penetrar no pátio que ele cerca. No entanto, esse percurso em vão, inconclusivo, acabará por nos permitir uma compreensão de sua personalidade: da dimensão, da força, do peso e da transcendência que a marcam. E isso estará perfeitamente adequado, convém dizer, ao próprio método kafkiano de estudar as pessoas: analisá-las, abstendo-se de explicação definitiva.”

3 Inédita em português. [N. da E.]

CONTOS E FÁBULAS



PROMETEU

HÁ QUATRO LENDAS REFERENTES a Prometeu:

De acordo com a primeira, ele foi amarrado a um penhasco no Cáucaso por ter revelado aos homens os segredos dos deuses, e os deuses enviaram águias que se alimentavam de seu fígado, perpetuamente renovado.

De acordo com a segunda, Prometeu, angustiado pela dor que lhe causavam as incessantes bicadas das águias, recostou-se cada vez mais sobre o penhasco, a ponto de tornar-se parte dele.

De acordo com a terceira, sua inconfidência foi esquecida ao cabo de milhares de anos, assim como também os deuses, as águias, e ele próprio.

De acordo com a quarta, todos acabaram por se enfadar com história tão sem sentido. Os deuses se cansaram, as águias se cansaram, a ferida se cansou — e cicatrizou normalmente.

Restou, apenas, a massa inexplicável do penhasco. A lenda tentou explicar o inexplicável. Como ele teve origem num elemento de verdade, teria mesmo que acabar no inexplicável.

